

# Covas prevê que quatro temas da Constituinte não terão consenso

BRASÍLIA — Depois de uma maratona de 60 horas de negociações, os principais líderes da Constituinte comemoram um tímido avanço: já se admite fixar um limite mínimo do tamanho das terras como ponto de partida para a reforma agrária. Se, como disse o líder do PMDB, Mário Covas, ao sair de uma reunião que começou às 8h30 e se arrastava até às 20h, "em noventa por cento dos temas haverá acordos", quatro deles, segundo o próprio senador, irão a votação em plenário; mandato do presidente Sarney, voto distrital, sistema de governo e reforma agrária.

Dois dos participantes das reuniões que começaram na sexta-feira, atravessaram o final de semana e foram reiniciadas ontem pela manhã na casa do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, explicaram onde estão "pegando" as negociações em torno da reforma agrária, estabilidade e eleições no DF.

A missão de posse continua sendo o principal empecilho ao consenso na reforma agrária. Quanto à estabilidade no emprego, diz o senador Covas que "será mais fácil negociar este tema fora da Constituinte do que dentro dela". E explica por que: "Aqui dentro, existem os compromissos. Tem parlamentares mais à esquerda que não concordam com a estabilidade da forma como está posta, mas não poderão votar contra seus compromissos".

Quanto às eleições no DF, enquanto não se definir o mandato do presidente Sarney será difícil um acordo, porque boa parte dos parlamentares vinculou as eleições presidenciais às eleições no DF. Em relação à anistia, embora não tenha havido consenso, Covas acredita que haverá negociação antes da votação no plenário.

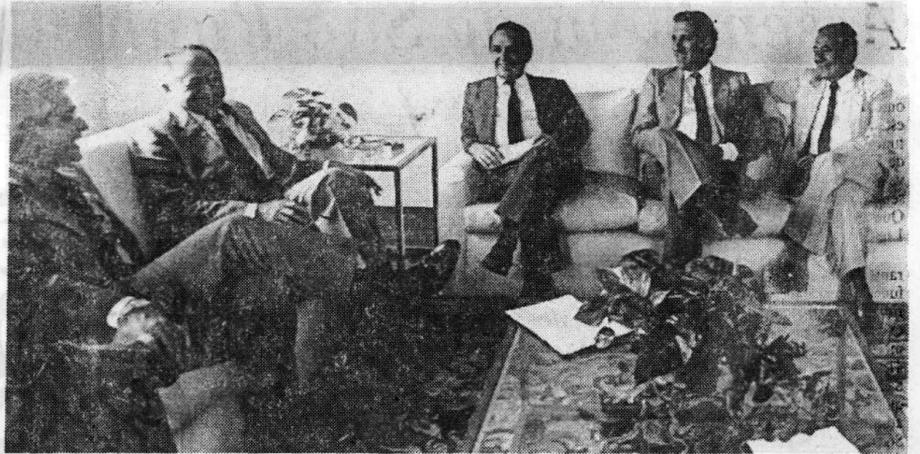
## Constituinte trabalha mais fora do Congresso

Se os eleitores que assinaram as emendas populares ao projeto de Constituição tivessem resolvido acompanhar os trabalhos da Constituinte, perderiam tempo. Nada de importante aconteceu no plenário, local marcado oficialmente para as reuniões. As discussões decisivas foram realizadas fora do Congresso, em encontros fechados para ao público e até à maioria dos constituintes.

Pela manhã, o debate sobre a nova Carta teve como local a residência oficial do deputado Ulysses Guimarães, no Lago Sul, a 10 quilômetros do Congresso. À tarde, o centro da Constituinte deslocou-se para o 24º andar do Banco do Brasil, onde se encontraram líderes do PMDB e o relator da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral. Enquanto isso, o plenário da Constituinte permaneceu às moscas e uma reunião da Comissão de Sistematização prevista para 19h foi transferida para 21h, por falta de quórum.

Até agora, a Constituinte praticamente não ocupou o plenário. Quem chegou mais perto foi o grupo interpartidário, formado originalmente pelos modernos do PFL e progressistas do PMDB, que costumava se reunir na biblioteca da Câmara dos Deputados. O grupo do senador José Richa, por exemplo, trabalhou no Instituto João Pinheiro, retiro dos padres salesianos localizado a 25 quilômetros da Praça dos Três Poderes.

"É uma estratégia de redação da nova Constituição, que torna o plenário uma farsa. O anteprojeto está sendo feito de costas para as constituintes", reclamou o deputado Paulo Delgado (PT-MG), diante de um plenário vazio.



Moreira (E), Arraes, Melo, Quércia e Waldir cobraram do PMDB posições mais claras

## Camargo — O senador

Afonso Camargo (PMDB-PR) disse em Brasília que está estudando a possibilidade de entrar no PTB, partido que, no quadro político atual, estaria em melhores condições de abrigar suas convicções ideológicas, que classifica de "social-cristãs". Insatisfeito com o PMDB, Camargo reconheceu que dificilmente poderá surgir um novo partido capaz de disputar as eleições para prefeito, em 88.

**Ceasa-BA** — Tomará posse nos próximos dias o novo presidente da Ceasa da Bahia, Alexandre Brust, que substituirá no cargo o presidente regional do PDT, ex-deputado Elquisson Soares, demissionário desde o último dia 4, quando enviou carta ao governador Waldir Pires. Brust, também do PDT, já integrava a diretoria da Ceasa, e foi convidado depois de consulta do governador a Elquisson Soares.

**Dissidentes** — Os dissidentes do PMDB mineiro que apoiaram a candidatura do senador Itamar Franco ao governo estão realizando um trabalho de rearticulação do grupo, sob a liderança do deputado Pimenta da Veiga. Segundo o deputado Luis Octávio Valadares, os dissidentes decidiram isolar o senador, por considerarem seu retorno ao partido, pelas mãos do governador Newton Cardoso, "um absurdo, pois ele voltou sozinho".

# Governadores decidem lutar por Constituição moderna

RECIFE — Conscientes de que a transição termina com a conclusão dos trabalhos da Constituinte — embora isso não signifique necessariamente o fim do governo Sarney — seis governadores pemedebistas reunidos no Palácio das Princesas, resolveram formar um lobby, anunciado por Orestes Quércia, para garantir a elaboração de uma Constituição moderna, "que responda aos reclamos da sociedade". Eles resolveram procurar os demais governadores do partido e marcaram nova reunião para setembro, no Rio de Janeiro, quando divulgarão um documento com o pensamento do grupo sobre questões políticas e econômicas.

O governador Miguel Arraes, encarregado de divulgar os resultados da reunião, disse que todos acham que o país precisa redistribuir sua renda. Comentou que a simples batalha por mais recursos para as regiões "acaba favorecendo as oligarquias", se não se tiver certeza de que esses recursos beneficiarão a todos.

Participaram do encontro — que se estendeu das 12 às 17h — além de Arraes, Geraldo Melo (RN), Tasso Jereissati (CE), Waldir Pires (BA), Moreira Franco (RJ) e Orestes Quércia (SP). Como convidados compareceram o prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, e o vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson.

Os governadores, que não discutiram a sucessão presidencial — "nem pensamos nisso",

disse Arraes — concluíram que, após a promulgação da nova Constituição, o PMDB passará de frente a partido e, se não deixar claras suas posições na Constituinte, terá grandes dificuldades para se firmar.

Indagado se essa transformação não provocaria a saída de pessoas importantes do partido, uma vez que seria difícil unir num mesmo bloco os governadores Orestes Quércia e Miguel Arraes, por exemplo, Waldir Pires disse que não: "Esta questão de pessoas deve ser esquecida: O que vale uma pessoa diante de um pensamento comum? Se todos concordarem com propostas claras, por que não conviverem no mesmo partido?"

Os governadores também não trataram da Aliança Democrática. Arraes disse que isso não interessava: "Nossa união, a união do PMDB é que é importante". Quércia explicou que manter a Aliança "não é problema dos governadores mas do governo federal". Sob a inspiração do governador do Rio, Moreira Franco, não se discutiu a reforma tributária, que vem sendo um elemento de divisão entre o Norte e o Sul. Os governadores se comprometeram a aprovar a proposta dos secretários de Fazenda que, reunidos no Rio Grande do Sul, decidiram apoiar a Subcomissão de Finanças da Constituinte, que aumenta a arrecadação para os estados e municípios, dando maior parcela ao Norte e Nordeste.

## Cúpula do PMDB respira aliviada

BRASÍLIA — A cúpula do PMDB acompanhou com atenção os desdobramentos do encontro de seis governadores do partido, em Recife. A preocupação maior era em relação às possíveis conclusões sobre os rumos do partido, tema central da reunião, que pudessem atingir a figura do deputado Ulysses Guimarães, com respingos no presidente José Sarney. Se a reunião fosse conclusiva, ela poderia, na avaliação da cúpula, provocar ciúmes nos outros 16 governadores, que se sentiriam marginalizados.

A decisão de ampliar — e, de certa forma, adiar — a discussão sobre o destino do PMDB, convocando-se novo encontro para o início de setembro, no Rio, com a presença dos 22 governadores pemedebistas, foi recebida como alívio em Brasília. Até lá, a direção do partido pretende realizar uma ação conjunta com os governadores, para evitar que as conclusões sejam distoantes.

O Palácio do Planalto, também, terá tempo suficiente para recuperar seu conceito junto aos governadores. O primeiro passo nesse sentido será dado logo após o retorno de Sarney, quando se espera a confirmação do vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson, para a superintendência da Sudene, por indicação dos nove governadores do Nordeste.

A nomeação de Carlos Wilson é ameaçada por um movimento articulado pelo PFL de Pernambuco. Mas, o presidente do partido, senador Marco Maciel, apontado como um dos estimuladores do movimento, nega o fato e afirma que não costuma "conjuguar o verbo vetar".

A preocupação dos governadores reunidos em Recife com a reforma tributária, que acabou tomando grande parte do encontro, foi bem recebida pela cúpula, até como incentivo às pressões que devem ser exercidas nos Constituintes.

# Partidários e adversários fazem críticas a Collares

## Juarez Porto

PORTO ALEGRE — Em novembro de 1985, Alceu Collares foi o único candidato do PDT a se eleger prefeito de capital, com 42,71% do voto porto-alegrense. Hoje, um ano e nove meses depois, ele já não entusiasma seu eleitorado e, segundo adversários políticos, é um fracasso eleitoral da candidatura do ex-governador Leonel Brizola à Presidência da República.

As críticas à sua administração proliferaram também no PDT. Já em novembro do ano passado, o candidato ao governo do Rio Grande do Sul pela coligação PDT-PDS, Aldo Pinto, derrotado por Pedro Simon, atacou diversas vezes o "imobilismo" de Collares, que estaria prejudicando sua campanha. Em alguns momentos, as desavenças foram tão áspers que Brizola precisou intervir.

Outro pedetista desiludido é o vereador Paulo Satta, ex-secretário do Meio Ambiente e uma das principais lideranças do partido na Zona Norte de Porto Alegre. Ao romper com Collares, justificou-se: "Ele não fez nada pela população da Zona Norte".

**Otimismo** — Alceu Collares, no entanto, se diz otimista quanto ao seu governo e à ajuda que poderá oferecer a Brizola. Essa postura é ironizada pelo líder do PMDB na Câmara Municipal, vereador Clóvis Brum: "Ele deve estar por fora da realidade, pois há muito não vai à Brasília, nem para pedir recursos para o município, como deveria fazer. Se depender do trabalho de Collares, o ex-governador Brizola não será bem votado na capital".

Na opinião do líder do PCB, vereador

Lauro Hagemann, a administração do PDT "está prestando um desserviço às causas democráticas, aos partidos e à classe política". Diz que, depois de 20 anos de autoritarismo, "na primeira oportunidade do voto direto no município, o povo constata que foi enganado com promessas". Depois de afirmar que Collares não fez qualquer obra de cunho social, Hagemann afirma que "o governo socialista está prejudicando não só o PDT, mas todas as siglas progressistas".

**O povo** — No meio do povo também há grande insatisfação. Os modestos moradores da Vila Maria da Conceição, por exemplo, chamam de "mentirão" os mutirões de limpeza e urbanização organizados pela Prefeitura nas áreas pobres de Porto Alegre. Maria Salete Rodrigues, da associação de moradores da vila, costuma dizer que "o que eles fazem é um serviçinho só para melhorar a aparência; resolver os problemas, não resolvem". Com muitas outras pessoas, ela reclama da falta de água, esgoto, saneamento e luz, além de obras básicas como a abertura de ruas.

O vice-presidente da Federação das Associações Comunitárias e de Amigos de Bairros (Fracab), João Couto, não faz por menos: "A administração popular, democrática e socialista, prometida por Collares na campanha, há muito foi pelos ares". Ele acrescenta que o conselho popular, prometido para assessorar a Prefeitura, não saiu do papel; as passagens de ônibus tiveram aumentos "violentíssimos"; o problema habitacional "sequer foi discutido"; os serviços de saúde continuam deficientes; e os impostos aumentaram.

## Prefeito crê na força do PDT

Alceu Collares gosta de dizer que seu desgaste "é pequeno perto do fracasso do governo de Pedro Simon ou do presidente Sarney: falta credibilidade política a eles".

Disposto a subir em palanques para pedir votos para Brizola, ele acha que o PDT "tem uma base muito grande em Porto Alegre, que, obviamente, será mobilizada na campanha para a Presidência da República; mas, acima de tudo, vai nos favorecer a imagem desgastada do PMDB".

Collares lembra ter sido sua a iniciativa — no encontro nacional do PDT, no verão passado — de lançar a candidatura de Brizola para a sucessão do presidente Sarney em 88. Em consequência disso, observa, foi duramente contestado pelo prefeito do Rio, Saturnino Braga, na época ainda no partido. "Na verdade, o Saturnino nunca admitiu a liderança de Brizola, e jura que tem a mesma expressão nacional que ele. Ai se engana redondamente: Saturnino não tem representatividade nem no interior do Rio".

O prefeito de Porto Alegre está certo de que Brizola será o candidato a presidente dos partidos progressistas, em segundo turno. Entende que, no primeiro turno, todos os partidos lançarão candidatos, porém mais tarde Brizola, "autêntico homem de esquerda", será o escolhido também dos segmentos mais avançados do PMDB que, "coerentes, não poderão apoiar homens comprometidos com o reacionarismo, como Ulysses e Quércia".

Ele considera ainda que as candidaturas dos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso não sobrevivem no PMDB, e os dois apoiarão o ex-governador. "O PDT tem o maior líder da América Latina, ele é até maior que o partido", diz enfático, seguro de que, apesar da estrutura relativamente pequena do PDT, o seu líder será eleito com o apoio de atuais adversários.